



A. Estado, Poderes e Sociedade

B. Estruturas Produtivas, Trabalho e Profissões

C. Educação e Desenvolvimento

D. Território, Ambiente e Dinâmicas Regionais e Locais

E. Cultura, Comunicação e Transformação dos Saberes

F. Família, Género e Afectos

G. Teorias, Modelos e Metodologias

Sessões Plenárias

As Migrações Camponesas e o Processo de Transformação Social da Beira Interior

Heitor J.F. Duarte

Introdução

Esta comunicação tem como objectivo principal apresentar as linhas de análise centrais e as ideias fundamentais de um trabalho de investigação realizado sobre o fenómeno das migrações camponesas e o processo de transformação social da forma de organização social da Beira Interior (FOSBI).^[1]

A principal finalidade deste trabalho é a de, a partir do funcionamento dos sistemas de produção e de relações sociais existentes em Portugal no seu conjunto e na Beira Interior em particular, determinar nas suas grandes vertentes de acção o papel das migrações camponesas no processo de transformação da FOSBI.

No seguimento de outros trabalhos de investigação que se têm debruçado sobre a problemática das migrações camponesas da sociedade portuguesa dos últimos cinquenta anos, este trabalho e as suas conclusões pretendem ser principalmente mais um contributo teórico e empírico para se analisar, pensar e conhecer esta realidade social tão importante da segunda metade do século XX português.

O Objecto de estudo

O objecto de estudo desta investigação é o fenómeno das migrações camponesas na Beira Interior e o processo de transformação social da FOSBI.

As duas principais ideias de partida relativamente à questão das migrações, por um lado, e relativamente ao processo de transformação social, por outro, são as seguintes:

- a) As migrações camponesas são um fenómeno de natureza colectiva que se refere à acção dos protagonistas sociais nas sociedades contemporâneas e que resultam do processo de conflitualidade estrutural existente entre a sociedade camponesa e a sociedade capitalista.
- b) O processo de transformação social da FOSBI é um fenómeno inserido na dinâmica da sociedade portuguesa na sua globalidade e, por isso, deve considerar, em primeiro lugar, a dualidade da sociedade portuguesa, ou seja, a coexistência, na forma de organização social da sociedade portuguesa, da sociedade camponesa e da sociedade capitalista, e, em segundo lugar, a conflitualidade estrutural existente entre estas duas formas de organização social.

Quanto à forma de organização social da Beira Interior (FOSBI) ela conjuga o território, a população, as actividades e os processos sociais delimitados administrativamente pelos distritos de Castelo Branco e da Guarda e corresponde a uma forma de organização social do interior do território continental português que faz fronteira com o interior do território espanhol e que tem por base um sistema de produção no qual a agricultura e o campesinato exercem uma forte influência na dinâmica do sistema de relações sociais.

As questões principais que se colocam inicialmente sobre esta problemática e este objecto de investigação são fundamentalmente as seguintes:

- 1) Qual a relação existente entre as migrações camponesas e o sistema de produção da FOSBI?
- 2) Qual a relação existente entre as migrações camponesas e o sistema de relações sociais da FOSBI?
- 3) Qual o papel das migrações camponesas no processo de transformação social da FOSBI?

A análise das migrações camponesas

As causas

As migrações camponesas da FOSBI são a resultante de um determinado sistema de relações sociais concreto, neste caso a sociedade portuguesa da segunda metade do século XX. A sociedade portuguesa das décadas de cinquenta e de sessenta encontra-se fortemente controlada pelo sistema de estado do Estado Novo e, por esse facto, a dinâmica social é bastante incipiente. O sistema político e administrativo encontra-se acima da sociedade, estruturando a acção social colectiva a partir do sistema de ideias do nacionalismo e do conservadorismo económico e sociais e da oposição aos sistemas comunista e capitalista modernos, razões pelas quais o protagonismo dos actores sociais no processo de funcionamento e de transformação social é bastante controlado e, por isso, muito fraco. Na forma de organização social da sociedade portuguesa de então coexistem dois sistemas sociais antagónicos separados estruturalmente no sistema de relações sociais global. Por um lado, existe uma sociedade camponesa fortemente tradicional e volumosa, com profundas raízes na sociedade camponesa do século XIX e, por outro, funciona uma sociedade capitalista que se vem desenvolvendo fracamente desde o século XIX, com poucas ligações com a sociedade camponesa e sustentada numa dinâmica tradicional e aristocrática, o que a torna incipiente e insuficiente para dinamizar as estruturas económicas e sociais estagnadas, decadentes e atrasadas da sociedade portuguesa. O sistema de relações sociais e a dinâmica da sociedade portuguesa funciona, não apenas segundo uma clara separação estrutural destes dois sistemas sociais, mas também segundo uma rígida separação dos grupos e das classes sociais de cada um deles, estruturas que actuando em conjunto determinam o funcionamento de um sistema de relações sociais que se limita a reproduzir os indivíduos e as instituições e que impede a movimentação social na sociedade. Situação que leva não apenas à estabilização estrutural da sociedade portuguesa, mas também ao estrangulamento da sua dinâmica social.

A reprodução destes dois sistemas sociais de forma paralela leva a que a sociedade camponesa, parada tecnicamente e com uma diminuta escolarização, estagne economicamente e regrida socialmente, face à evolução da sociedade capitalista europeia que na sua acelerada dinâmica social integra a sociedade camponesa nas suas estruturas, e face mesmo à sociedade capitalista portuguesa, que, apesar de se expandir lentamente, não pode deixar de participar de alguma forma na dinâmica social do capitalismo ao nível mundial. A sociedade camponesa portuguesa após a Segunda Guerra Mundial confronta-se, simultaneamente, com o aumento do seu volume demográfico, e com uma insatisfação social crescente da sua população activa, devido a uma progressiva perda de poder competitivo do seu sistema de produção tradicional face ao crescimento da competição nas sociedades do Sul da Europa dos produtos agrícolas e industriais dos sistemas produtivos das sociedades capitalistas europeias do Norte.

O sistema de relações sociais da sociedade portuguesa funciona a partir da reprodução de um modelo de estratificação social que se baseia numa rígida separação dos grupos sociais e num modelo tradicional de papéis sociais de natureza aristocrática, situação que vai levar a que se desenvolva e aumente a exploração social, a pobreza e a opressão, processos sociais protagonizados pelos grupos sociais mais elevados e pelas forças sociais mais tradicionais da sociedade portuguesa. Estes fenómenos vão estar na génese e determinar, nas décadas de 50 e 60, o movimento migratório da população activa dos grupos sociais baixo e médio da sociedade camponesa, quer para o exterior de Portugal, quer para as áreas de maior dinamismo económico e social em Portugal. No entanto, o grosso do movimento dirige-se para as sociedades capitalistas europeias mais avançadas, apesar da distância e do preço elevado a pagar só para lá chegar, o que se explica devido à escassa e pobre alternativa oferecida pela conservadora e autoritária sociedade capitalista portuguesa.

O movimento migratório camponês

O fenómeno da migração camponesa consiste num movimento de indivíduos baseado em estratégias familiares que parte da sociedade camponesa e que, devido ao seu grande volume e à sua importante dimensão económica e social, adquire uma configuração colectiva inter-relacionada que lhe confere a sua singularidade. É, em primeiro lugar, um movimento geracional com a população adulta e masculina de três décadas sucessivas a dar o sentido económico e o volume demográfico dominantes ao movimento migratório. É, em segundo lugar, um movimento profissional em que a maior parte da população migrante é um trabalhador, um pequeno proprietário ou um indivíduo que compartilha de ambas as situações profissionais, no sistema de produção tradicional. É, em terceiro lugar, um movimento social formado na sociedade camponesa, porque engloba grande parte do sector económica e socialmente mais significativo da mesma, ou seja, a população activa agrícola e não agrícola, tal como a população activa artesanal e comercial cuja actividade depende do poder de consumo da população agrícola.

Estas gerações de migrantes que saem do sistema de produção tradicional estabelecem uma ruptura e produzem uma transição entre as gerações da sociedade camponesa preparadas para o modo de

vida tradicional e as gerações descendentes destes migrantes que por via da escolarização começam a ser preparadas para entrar no mercado de trabalho da sociedade capitalista. Esta situação de ruptura estrutural introduzida pelas migrações camponesas é importante de assinalar: em primeiro lugar, porque existe uma grande diferença social entre os migrantes e os seus descendentes; e em segundo lugar, porque permite explicar o papel que as migrações camponesas tiveram na transição da sociedade camponesa para a sociedade capitalista. De facto, enquanto os migrantes vão procurar a sua sobrevivência económica na sociedade capitalista, mas sem se integrarem nela dado que não se identificam com a mesma, as gerações descendentes dos migrantes e, em geral, as de toda a sociedade camponesa, são preparadas e formadas para terem uma nova profissão, para fazerem parte de um sistema de produção moderno, e por isso para se integrarem na sociedade capitalista com a qual se identificam desde o início do seu processo de socialização.

As migrações camponesas configuram-se em dois movimentos distintos, de acordo com as forças sociais dominantes actuando na sociedade portuguesa, as tradicionais e conservadoras nas décadas de 50 e 60, e as modernas e democráticas na década de 70. O primeiro movimento dirigiu-se predominantemente para o estrangeiro, devido não só à estagnação do sistema de produção da sociedade camponesa, mas principalmente devido ao estrangulamento existente na sociedade portuguesa que a tornava incapaz de assimilar e integrar social e economicamente a população da sociedade camponesa excedentária e ainda toda aquela que crescentemente começava a estar em excesso no sistema de produção tradicional que evoluía para uma profunda crise. O segundo movimento é predominantemente interno, já que a população da sociedade camponesa pretende aproveitar a abertura da sociedade portuguesa introduzida com a revolução de 1974, e a dinamização do sistema de produção e do sistema social devido ao desenvolvimento da democracia, para obter uma nova posição social no sistema de produção português no período da formação das estruturas económicas e sociais da nova sociedade. No entanto, não podem separar-se radicalmente os dois movimentos, já que existe uma profunda relação entre os mesmos, quer porque muitos dos emigrantes do primeiro também participam no segundo, quer porque o capital ganho no estrangeiro permite a deslocação para as zonas mais dinâmicas ou a formação dos filhos para uma outra actividade na sociedade portuguesa.

É na fase em que é maior a dinâmica migratória e mais intensa a carência de população activa agrícola na sociedade camponesa que começa a desenvolver-se com alguma importância económica e social a industrialização do sistema de produção tradicional. O que significa que a mesma ocorre não só a par dessa dinâmica e beneficiando dela, como também tem por finalidade substituir a população activa emigrante e garantir a subsistência da população da sociedade camponesa que não emigra. Devido a uma crescente necessidade de inovação técnica e de melhoria da sua situação económica, ambas directamente relacionadas com os efeitos do fenómeno emigratório, a população activa da sociedade camponesa que não emigra estabelece uma maior relação com a sociedade capitalista, embora não modifique substantivamente as demais instituições tradicionais da sociedade camponesa. A sua integração na sociedade capitalista por via do mercado e do consumo é, por isso, parcial, devido ao grande peso que as instituições tradicionais continuam a ter no comportamento da população agrícola e que fazem com que persista a sua ligação à sociedade camponesa, facto que vai levar a que mantenha, se bem que de forma mais atenuada, uma separação social entre o campesinato enquanto classe social e as outras classes sociais da sociedade capitalista.

As migrações camponesas não foram, nem uma revolução, nem uma reforma social, ou seja, os grandes movimentos que levam à introdução de profundas transformações nas sociedades. As migrações camponesas foram, ao contrário dos movimentos sociais da sociedade capitalista, um movimento sem estratégia colectiva, sem organização racional e sem qualquer estratégia reivindicativa. Foi um movimento de pessoas analfabetas ou pouco escolarizadas, ligadas directa ou indirectamente à actividade agrícola, comercial e industrial tradicionais, ou seja, da população activa da sociedade camponesa e, por isso, estruturado em estratégias familiares, e que devido à sua cumulatividade e progressividade adquiriu contornos colectivos e estruturais, que tiveram efeitos colectivos e estruturais, tanto no sistema de produção, como nas relações sociais da FOSBI. Foi um movimento apolítico e pacífico, que não passou em nenhum momento pela acção política, mas que de acordo com o que acontece com os movimentos sociais da sociedade capitalista, foi um movimento de reacção à pobreza, à opressão e à exploração social, que esteve na base da superação do sistema de produção da sociedade camponesa, do desenvolvimento do modelo de produção da sociedade capitalista e da introdução de um novo sistema de relações sociais na FOSBI.

Os efeitos

O movimento migratório da sociedade camponesa levou a que ocorresse um profundo processo de transformação social na FOSBI - sem que essa fosse a intenção dos seus protagonistas, situação que mostra a importância das consequências involuntárias na dinâmica das sociedades, e que

demonstra que devem estudar-se os fenómenos sociais para além do que os seus protagonistas consideram sobre si mesmos.

Em resultado das migrações camponesas verifica-se, em primeiro lugar, uma reestruturação da configuração social da estrutura profissional da FOSBI, fenómeno que se deve ao declínio abrupto da população activa agrícola, principalmente a jovem e a adulta, constituindo-se na década de setenta uma nova estrutura profissional. Nesta nova estrutura profissional, os adultos activos ganham importância relativamente aos grupos dos jovens e dos idosos, facto que se explica através do prolongamento da escolarização dos jovens e por via da generalização das reformas aos idosos. A reestruturação do sistema de produção da FOSBI levou assim à formação de um novo sistema de produção e, por consequência, à introdução de um novo sistema de relações sociais que reflecte a transição económica e social da sociedade camponesa para a sociedade capitalista. Em segundo lugar, verifica-se a reestruturação da configuração social da estrutura etária da FOSBI, fenómeno devido principalmente à diminuição da população jovem, não só porque emigra, mas também porque a emigração da população adulta leva ao declínio da natalidade. Este facto vai levar ao aumento da população idosa na FOSBI, que se deve, não apenas a uma maior longevidade da população da sociedade camponesa, mas também à diminuição da população adulta e jovem, o que implica a sobre-representação da população idosa, que, geralmente, não envereda pela via da emigração, não apenas por motivos de ordem etária, mas porque tem já as suas condições económicas e sociais de vida presente e futura garantidas na sociedade camponesa. Constitui-se, assim, uma nova estrutura etária que reflecte, por um lado, a transição demográfica da sociedade camponesa para a sociedade capitalista; e, por outro, um duplo envelhecimento resultante da situação de crise económica e social do sistema de relações sociais da FOSBI.

O fenómeno migratório da população da sociedade camponesa levou a que se formasse um novo sistema de produção na FOSBI, o qual dá corpo a um sistema de estratificação social mais heterogéneo do que o precedente, no qual ganham posição, a par das forças tradicionais, assalariados agrícolas, pequenos produtores do comércio, agricultura e indústria tradicionais, notáveis, novas forças sociais, tais como o operariado industrial, o campesinato, a pequena-burguesia e a burguesia, classes sociais características da sociedade capitalista ocidental. Constitui-se assim uma formação estrutural de classes sociais que configura um novo sistema de relações sociais bastante diversificado e assente em diferentes interesses e valores sociais, situação que determina um acréscimo dos antagonismos sociais e da conflitualidade e, portanto, do dinamismo social na FOSBI. No entanto, não pode considerar-se que se está perante uma evolução linear das relações sociais na FOSBI, já que o funcionamento do sistema de relações sociais que se constitui conjuga e sofre fortes influências estruturais, umas que derivam do sistema de relações sociais anterior, outras que se criam no novo sistema social. Em primeiro lugar, verifica-se que os comportamentos de todos os protagonistas sociais sofrem uma influência importante das instituições e agentes da sociedade camponesa, facto que leva a que a sua actuação seja condicionada e controlada económica e socialmente em grande parte segundo um sistema de valores de natureza tradicional e conservadora. Em segundo lugar, verifica-se que o aumento do fenómeno burocrático, directamente relacionado com o crescimento do Estado na regulação do sistema de relações sociais, coactua, beneficiando de uma ligação à forte influência do comportamento tradicional, mais no sentido da estabilização do que na da dinamização social. De modo que, as forças sociais que representam, por um lado, a dinâmica do sistema de relações sociais e que lutam por um papel crescente dos movimentos sociais; e, por outro, aquelas que se batem pela expansão económica e que pretendem introduzir no sistema de produção da FOSBI uma crescente inovação técnica, têm pouca força social e por isso exercem uma influência menor na dinâmica social do que aquelas que protagonizam um processo de transformação lento. Esta situação introduz uma lentidão estrutural no processo de transformação social, relativamente aos processos sociais que ocorrem noutras formas de organização social da sociedade portuguesa e das sociedades capitalistas europeias, determinando a manutenção das tradicionais assimetrias e a criação de novas estruturas de desigualdade social, cujo efeito é o de prolongar o fenómeno migratório da FOSBI para as formas de organização social portuguesa e europeias mais dinâmicas e avançadas.

Conclusão

Retomando as questões de partida, pode concluir-se com razoável segurança e objectividade que existe uma profunda relação entre as migrações camponesas, o sistema de produção e o sistema de relações sociais, e que as migrações camponesas tiveram um papel central no processo de transformação social do FOSBI.

De facto, mais do que qualquer outro fenómeno, as migrações camponesas da FOSBI tiveram uma influência central na transformação do sistema de produção e do sistema de relações sociais desta forma de organização social na segunda metade do século XX, dado que em consequência das

mesmas se processou uma reestruturação dos sistemas de produção e de relações sociais da Beira Interior, situação que determinou o declínio da sociedade camponesa enquanto forma de organização social dominante na Beira Interior e a ascensão da forma de organização social da sociedade capitalista na FOSBI.

Referências Bibliografia

- ALMEIDA, João Ferreira ; *Classes Sociais nos Campos*, Lisboa, I.C.S., 1986
- ALMEIDA, J.Ferreira; COSTA, António Firmino; MACHADO, Fernando Luis; “Famílias, estudantes e Universidade”; *Sociologia*, nº. 4, Lisboa, CIES, 1988.
- CABRAL, M. Villaverde; “État et paysannerie: politiques et stratégies paysannes au Portugal depuis la seconde guerre mondiale”, *Sociologie Ruralis*, vol.XXIV, nº.1,1986.
- DAHRENDORF, Ralf; *Las Clases Sociales y su Conflicto en la Sociedad Industrial*, Madrid, Ed.Rialp,1979.
- DUARTE; Heitor ; “Estrutura social e mudança na Beira Interior”; in AA.VV., *Estruturas Sociais e Desenvolvimento*, vol.1, Lisboa, Ed.Fragmentos, 1993.
- FREITAS, Eduardo; ALMEIDA, João F.; CABRAL, M.Villaverde; “Capitalismo e classes sociais nos campos em Portugal”, *Análise Social*, nº.45, Lisboa, ICS, 1976.
- GALESKY, Boguslaw; *Sociologia del Campesinato*, Barcelona, Ed. Península, 1977.
- GASPAR, Jorge; BOURA, M.I.; JACINTO, R.; “Estrutura agrária e inovação na Cova da Beira”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº.7/8, Coimbra,CES, 1981.
- JACKSON, John A.; *Migrações*, Lisboa, Ed.Escher, 1991.
- MEDEIROS, Fernando; “A teoria do dualismo revisitada nos países de industrialização sem modernização” *Análise Social*, nº. 125-126, Lisboa, ICS,1994.
- MENDRAS, Henry; “Sociologia do meio rural”, in Gurvitch,G., (Org.), *Tratado de Sociologia*, S.Paulo, Liv.M.Fontes, 1977.
- MENDRAS, Henry; *Sociedades Camponesas*, Rio de Janeiro,Zahar Ed.,1978.
- MENDRAS,Henry; *La Fin des Paysans. Suivi d'une Reflexion sur la Fin des Paysans Vingt Ans Après*, Arles, Actes Sud, 1992.
- NAZARETH, J.Manuel; “A dinâmica da população portuguesa no período de 1930-1970”, *Análise Social*, nº. 56, Lisboa,ICS,1978.
- NEWBY, Howard; SEVILLA-GUZMAN, Eduardo; *Introducción a la Sociología Rural*, Madrid, Alianza Ed, 1983.
- NUNES, A. Sedas; “Portugal, sociedade dualista em evolução”, *Análise Social*, nº.7-8, Lisboa, GIS, 1964.
- QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van; *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Grádiva Pub., 1992.
- SANTOS, Boaventura S.; “A pequena agricultura e as Ciências Sociais”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº. 7-8, Coimbra,CES, 1981.

[1] Heitor J.F.Duarte; *Migrações e Transformação Social*, Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica - Trabalho de Síntese, Universidade da Beira Interior, 1995.